

**INTERCULTURALISMO, IMIGRAÇÃO E
CONSUMO: MODIFICAÇÕES CORPORAIS EM
IMIGRANTES EM PORTUGAL E ESPANHA**

***INTERCULTURALIDAD, INMIGRACIÓN Y
CONSUMO: MODIFICACIONES CORPORALES EN
INMIGRANTES EN PORTUGAL Y ESPAÑA***

***INTERCULTURALISM, IMMIGRATION AND
CONSUMPTION: BODY MODIFICATIONS AMONG
IMMIGRANTS IN PORTUGAL AND SPAIN***

*Marcelo ENNES**
*Natália RAMOS***

RESUMO: Este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa *Processos identitários, imigração e cirurgias plásticas*, desenvolvido entre 2013 e 2014 em Portugal e Espanha. O objetivo geral consistiu em entender a intenção e a prática de cirurgias plásticas e de outras modificações corporais no contexto migratório. Realizaram-se entrevistas em profundidade com imigrantes latino-americanos, asiáticos e africanos. Para analisar as entrevistas, tomamos por base bibliografia sobre interculturalismo, sociedade do consumo e cirurgias plásticas étnicas. Os resultados indicam que as interseções entre migrações, representações e modificações corporais são múltiplas e polissêmicas e não expressam apenas trajetórias de continuidade, mas também trajetórias de ruptura.

* Universidade Federal de Sergipe – (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9937-543X>. E-mail: itab2010@academico.ufs.br.

** Universidade Aberta – (UAb), Lisboa – Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8448-1846>. E-mail: maria.ramos@uab.pt

PALAVRAS-CHAVE: Imigração. Modificações corporais. Consumo. Interculturalismo. Identidade.

RESUMEN: *Este artículo presenta los resultados del proyecto de investigación “Procesos de identidad, inmigración y cirugías plásticas”, desarrollado entre 2013 y 2014 en Portugal y España. El objetivo general era comprender la intención y la práctica de la cirugía plástica y otras modificaciones corporales en el contexto migratorio. Se realizaron entrevistas en profundidad a inmigrantes latinoamericanos, asiáticos y africanos. Para el análisis de las entrevistas, tomamos como base bibliografía sobre interculturalidad, sociedad de consumo y cirugías plásticas étnicas. Los resultados indican que las intersecciones entre migraciones, representaciones y modificaciones corporales son múltiples y polisémicas y expresan no sólo trayectorias de continuidad, sino también trayectorias de ruptura.*

PALABRAS CLAVE: *Inmigración. Modificaciones corporales. Consumo. Interculturalidad. Identidad.*

ABSTRACT: *This paper presents results of the research project “Identity processes, immigration and plastic surgeries”, developed between 2013 and 2014 in Portugal and Spain. The general objective was to understand the interest and the practice of ethnic plastic surgeries and other body modifications among immigrants. In-depth interviews were carried out with Latin American, Asian and African immigrants. The literature about interculturalism, consumer society and ethnic plastic surgeries was used in order to analyze the interviews. The results indicate that the intersections between immigration, representations and body modifications are multiple and polysemic, expressing not only trajectories of continuity but also trajectories of disruption.*

KEYWORDS: *Immigration. Body modification. Consumption. Interculturalism. Identity.*

Introdução

A pesquisa¹ na origem deste artigo teve como objeto central a prática de modificações corporais por imigrantes em Portugal e Espanha. A problemática de estudo consistia na modificação efetiva ou no desejo de modificar o corpo, em

¹ Pesquisa de pós-doutoramento no CEMRI, Universidade Aberta, PT (2013-2014) com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/Brasil.

especial, traços físicos que fazem referência ao pertencimento nacional/étnico de imigrantes em um contexto marcado pela ideia do “direito à diferença”, por debates políticos e acadêmicos sobre multi/interculturalismo e pelo consumo entendido como dinâmica produtora de sentidos e de racionalidades. A pesquisa foi desenvolvida com base na revisão bibliográfica sobre imigrantes, sociedade do consumo e cirurgias plásticas consideradas étnicas e em dados qualitativos obtidos por meio de entrevistas.

Concluimos que as modificações corporais, por meio de cirurgias plásticas ou outros procedimentos, não conduzem à homogeneização ou à ruptura com pertencimentos de origem, mas traduzem formas sutis de coerção social que são mediadas por padrões estéticos e sentimentos como o de beleza, sedução e felicidade, cujo sentido deve ser encontrado, sobretudo, na sociedade do consumo.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresentamos algumas informações sobre as referências bibliográficas utilizadas e sobre como os dados apresentados e analisados foram obtidos. Em seguida revisamos parte do debate sobre o imigrante visto como estranho, diferente, e sobre as condições sociais e históricas em que isso ocorre. Aqui, tínhamos como objetivo destacar os traços físicos, ressignificados cultural e politicamente, que atuam como identificadores de estrangeiros e estranhos – elementos constituidores de um cenário no qual as representações e modificações corporais ganham importância como expressões políticas, culturais e de consumo. Na terceira parte, tratamos das origens e das práticas de cirurgias plásticas consideradas étnicas. Desse modo, procuramos evidenciar uma prática que remonta ao final do século XIX e que vem passando por algumas mudanças no que respeita ao seu significado de acordo com estudiosos do tema. Por fim, apresentamos e discutimos os resultados das entrevistas, sobretudo a partir das questões teóricas e conceituais apresentadas nas duas partes anteriores.

1. Notas sobre a metodologia de pesquisa e perfil dos entrevistados

O artigo foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica sobre a problemática. Um primeiro grupo de leituras envolveu uma bibliografia que entende o imigrante como “estranho” (SHUTZ, 1999; SIMMEL, 2005; BAUMAN, 2005a, 2005b, STOLKE, 1993). Em outro conjunto de textos, os autores tratam o consumo para além do ato imediato e literal de aquisição (BAUMAN, 2008; CANCLINI, 2008). Um terceiro conjunto auxiliou-nos a pensar o corpo (LE BRETON, 2009; 2014; FEATHERSTONE, 2005; ORTEGA, 2008) e as cirurgias plásticas étnicas (HAIKEN, 2000; NIECHAJEV; HARALDSSON, 1997; OUELLETTE, 2009; SWAMI; HENDRIKSE, 2013; TAM *et al.*, 2012; GILMAN, 1999; 2005).

Essas leituras foram fundamentais para analisarmos as entrevistas realizadas com imigrantes em Portugal e Espanha. Com base em um roteiro semiestruturado, procuramos conhecer o perfil socioeconômico da pessoa entrevistada, a trajetória migratória, as relações de pertencimento e alteridade e suas opiniões e experiências sobre modificações corporais. Chegamos aos imigrantes por meio da técnica da “bola de neve” (BIERNACKI; WALDORF, 1981) e limitamos nossa amostra não probabilística por meio do critério chamado de “ponto de saturação” (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2010). Para este artigo, foram utilizadas 12 entrevistas, distribuídas igualmente entre os dois países. Procuramos contemplar imigrantes de diferentes continentes com o objetivo de abarcar pessoas de diversas origens culturais. Assim, em Portugal, entrevistamos duas mulheres que, apesar de terem nascido em Moçambique, consideram-se goesas, duas brasileiras, um angolano e um moçambicano. A idade das pessoas entrevistadas em Portugal variou entre os 30 e os 50 anos. O tempo de permanência dessas pessoas no país de destino variou bastante: o angolano está em Portugal há 14 anos; já as duas goesas e o moçambicano lá estão há mais de 35, e as brasileiras, em média, 7 anos. No que diz respeito aos motivos da migração, o fato de terem nascido em Moçambique aproximou as goesas do moçambicano e do angolano, já que a razão que levou suas famílias a migrarem foi o clima de instabilidade e insegurança observado naqueles países. Quanto às brasileiras, há motivos diferentes. Em um dos casos, resulta de estar casada com um cidadão português, e, no outro, está relacionado à busca de mais oportunidades de estudo e de trabalho.

Com relação à Espanha, serão utilizadas entrevistas realizadas com imigrantes de três continentes diferentes: originários da África, um homem senegalês com cerca de 25 anos e uma mulher angolana com 30; da Ásia, duas pessoas jovens chinesas, uma mulher, originária do sul da China, e um homem, da região noroeste do país. Da América Latina, foram entrevistadas duas pessoas vindas do Equador, uma mulher de 20 anos e um homem de 40.

As de origem chinesa diferenciaram-se das demais pessoas entrevistadas quanto ao tempo de vida na Espanha – estavam há cerca de dois anos no país. Migraram para fazer um curso de pós-graduação e, depois, retornar ao país de origem. A imigrante angolana também estava há cerca de dois anos em Madri, mas a entrevista não sugere o projeto ou o desejo de retorno definitivo ao seu país de origem. Já os demais entrevistados – do Equador e do Senegal – estavam na Espanha há cerca de 15 anos. Para os latino-americanos, o principal motivo migratório foi o econômico, já que o Equador atravessou uma grave crise econômica no final da década de 1990 e início da de 2000.

2. Situando o “problema” de pesquisa: modificações corporais e cirurgias plásticas étnicas

Este artigo situa-se na interface dos estudos sobre migrações internacionais, diversidade cultural, consumo e corpo. No que respeita às migrações internacionais, o final do século XX e o início do XXI foram marcados por intensos fluxos migratórios. Na última década, segundo dados do *Department of Economic and Social Affairs* (ONU, 2019), em 2019 havia 271.642.105 imigrantes no mundo, que estavam distribuídos nas seguintes proporções: Ásia (30,76%), Europa (30,30%), América do Norte (21,56%), África (9,76%), América Latina e Caribe (4,30%) e Oceania (3,28%). Segundo a mesma fonte, Portugal reunia cerca 1,08% da população imigrante na Europa e Espanha 7,42%. Em termos de proporção em relação aos nacionais, os imigrantes representavam 8,8% da população portuguesa e 13,4% da espanhola.

Além de sua dimensão quantitativa, a imigração é, ao longo da história humana, uma importante fonte de produção de diversidade cultural, o que tem sido associado à condição de imigrantes como “estranho”, “outro”. Esta condição tem origem em vários aspectos culturais que vão desde idioma, religião, gastronomia, vestuário, até aspectos relacionados ao corpo e aparência. Nos últimos 150 anos, o tema da diversidade produzida por imigrantes tem sido tratado diferentemente, quer pelos governos, quer pelas sociedades receptoras, quer ainda pelos estudiosos do tema, a partir de várias perspectivas políticas e teóricas (ENNES, 2016).

Para os objetivos deste artigo, privilegiamos o corpo como elemento de produção de diversidade cultural de imigrantes. A este respeito, entendemos o corpo como um dos marcadores identitários centrais no processo de classificação e hierarquização dos indivíduos, em especial, imigrantes. O corpo físico pertence a um local e a uma época e nele agem forças de modo a dar-lhe forma, cheiro, consistência, diferentes proporções de tamanho, gordura e músculo. Desse modo, um amplo leque de autores (MAUSS, 2003; ORTEGA, 2008; FEATHERSTONE, 2005; LE BRETON, 2009; 2014) trata o corpo como construção social. Propomos, assim, o entendimento do corpo como território de atuação do sujeito – no caso, imigrante – no contexto da sociedade do consumo (BAUMAN, 2008; CANCLINI, 2008).

É a partir dessa concepção de corpo que buscamos dar inteligibilidade psicossociológica ao tema das modificações corporais entre imigrantes, mais especificamente, às cirurgias plásticas étnicas². A revisão bibliográfica mostra que este tipo de

² Do ponto de vista técnico e dos subsídios públicos, divide-se as cirurgias plásticas entre as de caráter reparador e as estéticas propriamente ditas. As cirurgias reparadoras, muitas vezes subsidiadas pelo Estado (no caso de Portugal e Espanha), são aquelas voltadas para marcas e cicatrizes decorrentes de acidentes.

cirurgia já era observado no final do século XX, sendo que o número de intervenções cirúrgicas plásticas aumentou com o desenvolvimento de novas técnicas e drogas para sedação e higiene no final do século XIX (GILMAN, 2005; 1999).

Para Taschen (2005), a origem da cirurgia plástica é ainda mais antiga e remonta aos egípcios da Antiguidade Oriental, que já buscavam “corrigir” sequelas de ferimentos e narizes fora dos padrões estéticos da época. O desenvolvimento dessa modalidade de cirurgia estava associado, por um lado, às necessidades de alterações, seja por decorrência de cicatriz de doenças, como a sífilis, seja de ferimentos de guerra. Por outro, está também intimamente ligado ao desenvolvimento de medicamentos, instrumentos e técnicas de cirurgia e profilaxia. As cirurgias plásticas não só constituem prática antiga, identificada em períodos bastante recuados na história, como também disseminadas em várias regiões do mundo (HAIKEN, 2000).

As cirurgias plásticas étnicas sempre estiveram associadas às características sociais, econômicas, técnicas e culturais dos contextos em que são realizadas (GILMAN, 2005). No final do século XIX e início do século XX, por exemplo, esse tipo de cirurgias tinha como referência padrões de beleza ocidentais dos quais estavam excluídos ou inferiorizados não apenas negros e asiáticos, mas também brancos que traziam traços físicos (nariz, orelhas e boca) considerados como marcas de degeneração ou inferioridade, a exemplo de irlandeses e judeus. As cirurgias plásticas étnicas eram praticadas, sobretudo, em imigrantes, afrodescendentes e em pessoas consideradas forasteiras.

No início do século XXI, a emergência da sociedade do consumo “embaralhou” ainda mais os marcadores identitários que associam etnia a um país ou a uma região do planeta. Com isso, ao mesmo tempo em que as cirurgias plásticas étnicas continuam a ser praticadas por imigrantes, também passaram a ser realizadas em contextos não migratórios. Estas cirurgias são inspiradas em padrões de beleza que não deixam de ter o ocidente como referência³.

Autores como Niechajev e Haraldsson (1997), Ouellette, (2009), Tam *et al.* (2012) e Swami e Hendrikse (2013) revelam aspectos de interesse sobre o tema das cirurgias plásticas étnicas. As cirurgias plásticas podem se situar na interseção entre as noções hegemônicas de beleza e de origem étnica (NIECHAJEV; HARALDSSON, 1997) e estão associadas a fatores como diferenças psicológicas individuais, imagens negativas do corpo, maior investimento na aparência e influência de celebridades públicas como parâmetros estéticos (SWAMI; HENDRIKSE, 2013). No que diz respeito às cirurgias plásticas étnicas, a literatura demonstra a existência de atitudes negativas para com essas, devido à “desconfiança cultural” em

³ Quando nos referimos a categorias genéricas – como ocidental, etnia, nacionalidade, entre outras – as consideramos construções sociais, culturais, políticas não as entendendo de modo naturalizado.

relação à sociedade de destino e à forte adesão aos valores culturais e à identidade étnica de origem.

A produção da identidade étnica desde uma perspectiva intercultural (CANCLINI, 2008; RAMOS, 2014; 2011; 2010, 2008; 2007a; 2007b) decorre, por um lado, de configurações sociais marcadas pela assimetria de poder entre os grupos envolvidos, e, por outro, pela necessidade de definição clara das fronteiras simbólicas entre os grupos – no caso em estudo, entre imigrantes e população nativa. O formato do nariz, dos olhos, das orelhas, a cor e o tipo de cabelo são poderosos marcadores acionados para a produção dessas fronteiras por meio de processos de pertencimento e alteridade.

A questão do convívio com pessoas de origens nacionais e étnicas distintas também coloca questões éticas sobre a prática de modificações corporais. Um exemplo é dado por Ouellette (2009), quando questiona, a partir de um exemplo real nos EUA, o direito de pais americanos fazerem em sua filha adotada de origem chinesa uma cirurgia de ocidentalização dos olhos. A questão colocada pela autora é se a cirurgia poderia ser autorizada pelos pais ou só poderia ser decidida pela própria criança após atingir sua maioridade. Esses marcadores são essencializados e naturalizados, apesar de serem frutos de construções históricas e culturais que produzem narrativas de si mesmo. Isto é, a essencialização e a naturalização de traços fenótipos como marcadores identitários são, antes de mais, históricas e fazem parte dos chamados mitos fundadores (SILVA, 2000). Tais “regimes de pertença” são alterados pelos fluxos imigratórios. O imigrante é um elemento desestabilizador das configurações identitárias por produzir o estranho, a diferença (SHUTZ, 1999; SIMMEL, 2005; BAUMAN, 2005a, ELIAS, 2005, STOLCKE, 1993), e, em consequência, (re)cria fronteiras e relações de alteridade.

A ideia do outro como estranho é reforçada pelo estranhamento do corpo do outro. Esta dinâmica é, para Gilman (1999, p.49), trans-histórica e transcultural e tem como fim produzir hierarquias a partir da oposição entre a ideia do permanente, imutável, natural, em oposição ao que “vem para ficar”. A partir desse jogo de poder, constrói-se padrões beleza de modo indissociável das características consideradas étnicas. Assim, se no final do século XX irlandeses procuravam corrigir as “orelhas de abano” por serem feias e não “americanas”, ou judeus alteravam seu nariz para não denunciarem a sua origem e sua feiura [em relação aos padrões], hoje, a combinação entre o belo e o étnico ocorre por meio de marcadores descentrados. Isto é, marcadores que devem ser entendidos como expressão de processos de hibridação entre referências estéticas e a sociedade do consumo (ENNES; RAMOS, 2017).

3. Corpo e modificações corporais entre os imigrantes entrevistados

Aqui iremos analisar as narrativas obtidas, a partir de três dimensões do estudo realizado. A primeira refere-se à trajetória migratória, e procura elementos sobre vínculos com o lugar e a cultura de origem. A segunda dimensão busca dar conta das relações de pertencimento e alteridade estabelecidas pelas pessoas imigrantes entrevistadas com o lugar de destino. A terceira refere-se à questão central do artigo, isto é, como essas pessoas pensam e agem em relação ao seu corpo a partir de sua condição de imigrante.

3.1. Trajetórias migratórias

A trajetória migratória dos sujeitos de pesquisa nem sempre é linear. Destaca-se o caso de Jade, cuja família emigrara de Goa para Moçambique e, depois, para Portugal. O mesmo ocorreu com Jaina. Quanto aos motivos, as goesas vêm de uma trajetória marcada por rupturas e insegurança. Primeiro, pela invasão da Índia sobre Goa e, depois, pelo processo de independência de Moçambique. O mesmo aconteceu com o moçambicano. Já a causa da migração do angolano se aproxima das goesas, isto é, a mudança da família em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Jade e Jaina cresceram e ainda vivem vinculadas à comunidade goesa em Lisboa. Além disso, afirmam ter mais vínculos com Goa, por meio de viagens e contato com familiares via telefone e Internet, do que com Moçambique. No caso das brasileiras, há permanente contato com familiares e amigos. Uma delas, inclusive, se refere aos contatos diários por meio das redes sociais. Ambas viajam anualmente para suas cidades de origem.

Já Domingos, o angolano, dirige uma associação de imigrantes e descendentes destes, estabelecendo vínculos políticos com Angola, inclusive por ter um irmão ligado ao governo do país. Não é claro se Manuel possui ou não relações regulares com pessoas do lugar de origem. Sua entrevista indica que recriou em Portugal seus laços de conterraneidade e a ideia de pertencimento nacional.

No caso da Espanha, a trajetória migratória das pessoas entrevistadas é bastante semelhante. Com exceção da imigrante angolana, que antes de migrar para Madri viveu dois anos em Lisboa, todas as demais vieram diretamente de seus países de origem. De modo geral, as entrevistas demonstram que essas pessoas mantêm vínculos com o país de origem, estabelecidos principalmente com familiares e amigos, via telefone, Internet e redes sociais. No caso do jovem e da jovem chineses, há, inclusive, o uso de aplicativos como o WhatsApp. A exemplo de Manuel, imigrante moçambicano em Portugal, os vínculos com a origem são reinventados no local de destino por meio de novos círculos de amizades e redes ligados ao trabalho. No

caso dos imigrantes do Senegal e de Angola, há vínculos que vão além dos laços de amizade e da família. O imigrante senegalês possui uma atuação política por meio de sua participação em uma associação de imigrantes, o que passou a orientar seus contatos com o país de origem. Já Solange, a imigrante angolana, tem sua trajetória migratória associada ao estudo, o que a leva a viagens para o seu local de origem que é, ao mesmo tempo, seu universo de pesquisa.

3.2. Relações de pertencimento e alteridade

Refletir sobre traços fenóticos e mudanças corporais entre imigrantes nos levou a indagar nossos interlocutores sobre suas relações de pertencimento e alteridade, a partir das quais construíram suas trajetórias migratórias. Os entrevistados, de modo geral, afirmaram manter relações com pessoas e locais de origem. Há diferenças quanto aos modos e à intensidade de contato, mas em nenhum caso observamos rupturas e descontinuidades. Essas relações são mantidas, o que não exclui o estabelecimento de novos círculos de amizade em convívio com portugueses, espanhóis e também com imigrantes de outras nacionalidades.

Imigrantes entrevistados em Portugal, independentemente de nacionalidade, gênero ou tempo de imigração, sentem-se integrados ao lugar de destino. Mesmo que esse sentimento tenha sido expresso por todos, entre imigrantes originários de Moçambique e Angola houve menos referências a situações que expressassem estranhamento. Esse sentimento de integração não implica rupturas com as pessoas e o lugar de origem, mas revela uma dinâmica de mudança de práticas sociais e costumes que passa pela adequação aos padrões locais. Essas mudanças resultam não só de pressões coercitivas vividas em Portugal, mas são também fruto do afrouxamento ou amenização dessas mesmas forças em relação ao local de origem. Isto é, estilos de roupa, penteados, atitudes que seriam recriminadas no local de origem, são mais livremente praticadas no local de destino.

A integração também parece estar vinculada às formas de inserção do imigrante na sociedade portuguesa. Nota-se que todas as pessoas entrevistadas já tiveram vínculos estreitos com portugueses. Seja no trabalho, na escola, em relações institucionais como as que envolvem associações de imigrantes e órgãos governamentais portugueses ou, ainda, por meio de relações afetivas, como casamento e namoro, no caso das brasileiras entrevistadas. Esses vínculos são, ao mesmo tempo, produtores de pertencimento e de alteridade, especialmente entre as brasileiras. Sandra, por exemplo, exemplifica o fato de ser noiva de um português como parte de seu processo de integração, mas reclama de sua sogra por criticá-la por “não falar português e sim brasileiro”. O idioma e o sotaque, como veremos também nos casos dos imigrantes na Espanha, são um forte marcador identitário.

Para as duas brasileiras entrevistadas, as atividades profissionais e educacionais também fazem parte dos circuitos das relações de pertencimento e alteridade com a sociedade portuguesa. Assim, Cíntia destacou as tensões vividas com seu orientador de mestrado, que insistia para que ela escrevesse o “português de Portugal”. Mas, tal como em relação à sua sogra, ela manteve seu “estilo” como expressão de uma identidade de origem, isto é, brasileira. No caso de Márcia, além de ter realizado um doutorado, ela trabalhou em uma instituição de ensino superior portuguesa. Ainda assim, não faz referência a tensões produzidas por diferenças de sotaque ou de forma de escrita, mas às condições de trabalho que tornaram sua atividade pouco atrativa.

A dinâmica de reconstrução identitária no contexto migratório não implica nem a ruptura completa com a cultura de origem, nem a adesão completa à de destino. Esse regime de pertencimentos se materializa na dinâmica entre a fragmentação e a fidelidade identitária (WOODWARD, 2000; FEATHERSTONE, 1997; BAUMAN, 1998; 1999a; 1999b; 2005a; 2005b; 2008), mudança e produção de expressões híbridas (CANCLINI, 2008) de gastronomia, vestuário, músicas, estética corporal, valores culturais e religiosos. Esse processo envolve ainda certas continuidades como, por exemplo, o gosto de Márcia pela carne de porco, dado que nasceu e viveu grande parte de sua vida no interior de Minas Gerais, aproximando-a do paladar português; ou, pelo contrário, no caso de Domingos, o consumo de comidas consideradas típicas de Angola, geralmente em situações especiais que reúnem amigos angolanos e que funcionam como mecanismos de reprodução dos sentimentos de pertença à cultura de origem.

As goesas, por sua vez, afirmam forte integração na sociedade portuguesa, principalmente por meio da inserção no mundo do trabalho. Jaina é empresária e deixa claro seu sucesso no ramo imobiliário. Diz não sentir discriminação e entende que, quando a há, parte da responsabilidade é da própria pessoa imigrante ao recusar integrar-se. Jade, por sua vez, é enfermeira e, também, não se sente discriminada por seu pertencimento étnico. Para ela, estar ligada à comunidade goesa e manter características de sua cultura auxilia em seu trabalho. Essa é uma situação semelhante à da brasileira Cíntia, que atribui sua experiência como promotora de vendas de produtos cosméticos em uma rede de lojas espanhola em Portugal a algumas características de sua cultura de origem. No caso das goesas, isso pode ser explicado por atuarem em segmentos que as colocam diretamente em contato com pessoas de diferentes origens étnicas e nacionais, tornando o seu pertencimento um capital (BOURDIEU, 1989) de grande valor. No caso da brasileira, sua valorização como promotora está mais ligada às exigências da ocupação, tais como expansividade e simpatia.

Manuel acredita que a discriminação está diminuindo. Para ele, a integração tem sido gradual, e foi mais difícil no início do processo imigratório diante do con-

texto da Revolução dos Cravos (1974) e do processo de independência das colônias portuguesas na África e na Ásia. A sucessão de gerações de imigrantes, os canais de comunicação (cartas no passado e Internet e telefonia móvel hoje) e o movimento de retorno provisório ou permanente têm transferido, como antecipação, para o lugar de origem a formulação de estratégias de integração na sociedade portuguesa. Percebe-se que a integração é também entendida a partir do próprio imigrante. Tal como Jaina, Manuel acredita que a integração recai sobre a conduta e o modo de agir da pessoa imigrante, como se dependesse fundamentalmente dela.

Ainda que não tenham destacado situações em que se sentiram discriminados, os entrevistados afirmaram existir discriminação contra imigrantes em Portugal. Sandra foi a mais contundente nessa observação. Para ela, a discriminação maior é contra as mulheres brasileiras, estereotipadas como hiperssexualizadas, sendo importante considerar a sobreposição dos marcadores de gênero e de pertencimento étnico/nacional. Márcia também considera que há discriminação contra imigrantes em Portugal e que isso tem crescido proporcionalmente com o aumento do número de imigrantes. Para Jade, no caso de hindus, há “comentários depreciativos” em relação ao comércio mantido pelo grupo como sinônimo de baixa qualidade, o que se assemelharia ao de chineses. Quanto aos costumes, o uso do *sari*, por exemplo, provoca ainda constrangimentos entre os portugueses por deixar a barriga à mostra, embora Jade considere que tem diminuído graças a pessoas de outras nacionalidades, que usam tipos de roupas que também deixam visível a barriga das mulheres. Isso pode ser entendido como parte de um processo no qual a diversidade é produzida pela migração e, também, pela cultura do consumo e suas expressões no campo do entretenimento e da moda.

Para as pessoas entrevistada na Espanha, o início da experiência como imigrantes foi difícil. Essa dificuldade envolve fatores que vão da substituição das relações afetivas do jovem senegalês – que foi adotado por uma família espanhola –, passando por diferenças culturais no que respeita ao idioma, sotaque, datas comemorativas e problemas quanto ao choque cultural produzidas por diferentes perfis comportamentais (a exemplo dos imigrantes chineses), até problemas legais de um dos imigrantes equatorianos. Para todas essas pessoas, as dificuldades tendem a diminuir com o passar do tempo, dado que os problemas iniciais são superados e resolvidos.

O sentimento de que se vive uma situação melhor do que a vivenciada no início da vida na Espanha como imigrante não significa, no entanto, uma plena integração. Aby, por exemplo, ainda que tenha amigos espanhóis, sente-se ainda discriminado, principalmente pela polícia, que o aborda de modo discriminatório⁴.

⁴ O trabalho de campo em Madri permitiu-nos presenciar abordagens seletivas de policiais a pessoas negras nos acessos às estações de metrô e pelas ruas do Bairro Lavapiés.

Solange considera os espanhóis mais amáveis e solícitos do que os portugueses. Para ela, estes são menos receptivos e mais desconfiados, dadas as relações coloniais que envolveram o seu país e Portugal. Já Zhou disse que sua relação com os espanhóis tem melhorado, mas queixa-se dos preconceitos que sofre por ser estrangeiro. Segundo ele, os espanhóis têm uma visão estereotipada e acham que todos os chineses são donos de restaurantes ou de lojas de produtos de baixa qualidade⁵. Gabriela é a que parece ser a mais integrada na sociedade espanhola. Primeiro porque migrou quando criança, segundo porque mantém menos vínculos com o país de origem e diz compartilhar mais valores, gostos e estilos “espanhóis” do que seus compatriotas que vivem em Madri. Já Daniel, outro equatoriano entrevistado, devido à sua trajetória imigratória e forma de inserção na sociedade espanhola, pensa diferente. Mesmo tendo amigos espanhóis, seu círculo mais íntimo de relacionamento é dentro da “colônia equatoriana”.

As diferentes percepções sobre a integração na sociedade espanhola estão, em parte, tal como no caso de imigrantes entrevistados em Portugal, relacionadas às formas de inserção na sociedade espanhola. Das seis pessoas entrevistadas na Espanha, quatro migraram para estudar. As vindas do Equador alegaram motivos econômicos, no caso de Solange, de seus pais. As trajetórias definem, em parte, suas relações com os espanhóis após a chegada. Aby migrou ainda adolescente e hoje é presidente de uma associação de imigrantes. Sua socialização durante a educação básica resultou em vínculos de amizade com espanhóis, mas, ao contrário de Gabriela, autorrepresenta-se como imigrante. Isso não impede, por sua vez, que Gabriela relate situações de conflito com seus padrões espanhóis, lembrando, em especial, sua experiência como babá e as dificuldades com as avós das crianças.

Daniel é quem mais se assemelha ao tipo do imigrante trabalhador. Uma crise econômica motivou o início de sua trajetória, o que o fez vivenciar as dificuldades de um imigrante sem documentos. No entanto, mesmo diante dessa situação, considera positivas as relações com empregadores espanhóis, pelo fato de sempre ter recebido seu salário conforme combinado. Zhou, mesmo tendo migrado para estudar, fez alguns trabalhos provisórios, como ensinar o idioma e cultura chinesa a um espanhol, o que também o fez ter uma avaliação positiva de seu único vínculo de trabalho na Espanha.

Todas as pessoas entrevistadas na Espanha afirmaram que convivem não apenas com espanhóis, mas também com imigrantes de outras nacionalidades. Mais uma vez, é importante entender essas relações a partir das formas de inserção de nossos interlocutores na sociedade espanhola. Presidir uma associação, ser estudante universitário, viver desde a infância no país, isto é, ter estudado em escolas espa-

⁵ O tema da “opacidade do outro” surge direta e indiretamente em vários autores de diferentes filiações teóricas, a exemplo de Bauman (1999a) e Elias (2005).

nholas, são elementos explicativos dos circuitos de relações que os mantêm. Essas relações, a exemplo das observadas em Portugal, assemelham-se mais ao movimento contínuo de aproximação e distanciamento de extremos que seriam o isolamento e a integração completa. Entre imigrantes chineses, fica claro que as relações que exigem mais confiança ocorrem dentro do próprio grupo, o qual é diverso devido às diferentes regiões de onde partiram.

Solange revela uma situação interessante quanto às relações de pertencimento e alteridade. Por se relacionar com imigrantes de várias procedências, inclusive de vários países africanos, elegeu o espanhol como meio de comunicação. Assim, o idioma do país receptor passa a ser o elemento de ligação entre imigrantes de várias origens, o que Canclini (2008) denomina de interculturalismo e hibridismo cultural. Aby e Daniel, devido aos seus vínculos com associações de imigrantes, relacionam-se com imigrantes de várias nacionalidades e se referem a essas relações como multiculturais, o que deve ser entendido como efeito das políticas de integração dos governos espanhóis nos últimos 15 anos e sua relação com as associações de imigrantes.

As respostas às questões anteriores já antecipam o caráter ambivalente dos regimes de pertencimento (CANCLINI, 2008) em relação à sociedade espanhola, a exemplo dos imigrantes em Portugal. A tensão entre os sentimentos de pertença e de alteridade fica mais evidente quando indagados de modo direto sobre o tema da autoidentificação. Três dos entrevistados, Aby, Gabriela e Daniel, tinham cidadania espanhola quando das entrevistas, e os outros três, Solange, Meng e Zhouh, viviam no país com visto de permanência provisório como estudantes universitários. Essa variável da documentação não parece interferir na autopercepção de viver na Espanha como imigrante, a não ser para Daniel, que reconheceu facilidades no dia a dia após obter seus documentos.

O tempo de residência na Espanha não parece interferir de modo unívoco nos regimes de pertencimento dos entrevistados, já que tanto Aby quanto Gabriela migraram ainda bastante jovens e a relação do primeiro com os espanhóis é de maior alteridade, enquanto a segunda diz sentir-se mais espanhola do que equatoriana⁶. A maior diferença advém do pertencimento étnico. Os latino-americanos são vistos pelos demais imigrantes como o grupo com mais facilidades de integração, o que é confirmado pelas entrevistas com Gabriela e Daniel. Por sua vez, chineses e africanos são os mais fortemente identificados como estranhos. Africanos são mais abordados pela polícia e chineses se sentem frequentemente observados, o que remete para a importância dos traços físicos nas relações que imigrantes vivenciam nos países de destino. Porém, cabe destacar que, além de alguns latino-americanos

⁶ O tema da múltipla pertença e da cidadania mundial reapareceu nas entrevistas dos imigrantes equatorianos.

terem traços físicos considerados ocidentais – o que não os distingue visualmente como imigrantes –, possuem também traços indígenas.

A percepção sobre a vivência pessoal de discriminação na Espanha é maior do que a observada em Portugal, o que explica em parte a maior ênfase dada por imigrantes entrevistados na Espanha à discriminação. Seja em função das abordagens seletivas de policiais, seja no tratamento dispensado aos imigrantes nas ruas, nas estações de metrô ou na disputa pelos recursos públicos voltados à assistência social; seja nos hábitos e costumes dos espanhóis que discriminam os que não compartilham dos lugares e espaços reclamados como exclusivos para os espanhóis, como narrou Gabriela. As narrativas indicam a existência de múltiplas formas e mecanismos de discriminação contra imigrantes, o que é acionado a partir do seu reconhecimento como estranhos, seja por seus traços, seja por seu sotaque ou idioma, ou por sua religião e costumes (RAMOS, 2014). Essa discriminação pode resultar em alguns benefícios, como relata Daniel a respeito da preferência por trabalhadores imigrantes na construção civil. Claro que essa valorização ocorre de modo a reforçar as relações de hierarquia entre o nacional e o imigrante.

3.3. Modificações corporais

As relações de alteridade resultam de um conjunto de fatores construídos socialmente. Mesmo os traços fenótipos, aparentemente evidentes e objetivos, são fruto do processo de ressignificação cultural (SILVA, 2000). Por compartilharmos dessa perspectiva, procuramos refletir sobre o contexto político-cultural no qual tem ocorrido a imigração para Portugal e Espanha, analisar as origens, a trajetória migratória e as formas de inserção nas sociedades receptoras, além de conhecer a percepção dos entrevistados sobre sua situação. Esses são elementos essenciais para pensar sobre as representações e as práticas sobre modificações corporais e para situar social, cultural e institucionalmente os imigrantes, a fim de melhor compreender suas narrativas sobre o tema central desse artigo.

Em Portugal, as goesas entrevistadas são facilmente identificadas. Cor e tipo de cabelo, cor de pele e trajes utilizados em ocasiões especiais, como casamento ou festas comemorativas, são os marcadores mais claros. Por viverem há muito tempo em Portugal, não possuem sotaque estrangeiro. Segundo Jade, a distinção das mulheres goesas e indianas passa também pela vaidade, o cuidado com as roupas, com a maquiagem e com o uso de produtos para hidratação da pele e cabelo.

Já a brasileira Sandra afirma ter passado por algumas mudanças na maneira de se vestir, no corte de seu cabelo e na maquiagem. Começou por usar menos roupas decotadas, isto é, adotou uma postura para evitar características definidas em Portugal como típicas de brasileiras. Por outro lado, passou a usar um tipo

de cabelo que não se sentia à vontade em usar no lugar de origem. Sobre isso, refere ver muitos imigrantes que, por estarem fora do seu país ou de sua cidade de origem, fazem modificações, como usar penteados diferentes e fazer tatuagens. Sandra atribui essas práticas à trajetória migratória marcada por um sentimento de liberdade e autonomia quando comparada à vida no local de origem. No entanto, mesmo não tendo características físicas associadas ao Brasil, após a mudança no modo de vestir e maquiagem, passou a ser identificada como brasileira por meio de sua forma de escrita, como já vimos, no caso de sua relação com o orientador na universidade e por seu sotaque, que a identificava de imediato.

Como Sandra, Márcia não tem traços físicos considerados típicos de brasileiro. Além disso, desde quando vivia no Brasil adotou padrões de vestir e de maquiagem que não se diferenciavam muito dos praticados pelas portuguesas. Soma-se a isso o fato de ser casada há vários anos com um português, o que a inseriu em círculos de amizades com famílias portuguesas e lhe propicia um aprendizado dos modos “portugueses” de falar, gesticular e comportar-se. Fica claro que o “jeito brasileiro”, “jeito português”, “jeito goês” de ser, falar e agir são, na realidade, construções, e expressam formas hegemônicas de autoidentificação e heteronomeação (CUCHE, 2002).

Como referido, Domingos e Manuel, ambos negros, não se mostraram dispostos a, ou não acharam importante, falar sobre as características fenotípicas dos imigrantes e opinaram de modo a minimizar a existência de discriminação racial contra imigrantes em Portugal. Domingos, ao ser questionado sobre mudanças de traços étnicos, refere o caso de Michel Jackson, de modo a demonstrar distanciamento e excepcionalidade desse exemplo, afirmando não conhecer nenhum caso de africano que tenha mudado sua aparência em Portugal.

Para Jade, as goesas e indianas têm realizado algumas mudanças em seu corpo, em especial nos cabelos. Se antes eles eram mais escuros, agora possuem tonalidades mais claras. Destaca, por outro lado, que algumas práticas estéticas, características de sua cultura de origem, como a de arrancar as sobrancelhas com linha, têm sido incorporadas nos salões de beleza em Lisboa. A introdução de novos estilos e técnicas de beleza, no entanto, não pode ser entendida sem considerarmos o poder da indústria cosmética e das influências do mundo do entretenimento e da mídia sobre a sociedade de consumo (FORTUNA; FERREIRA; DOMINGUES, 2002; BAUMAN, 2008). Jade também revelou que a prática tradicional das avós indianas de massagear os bebês inclui o uso de esfoliantes no corpo, que tornam a pele mais macia e mais clara, e a massagem no nariz do recém-nascido, o que sugere a existência de atenção para com a pele e com o formato do nariz, que é bastante típico entre os indianos.⁷

⁷ Sobre práticas de tratamento de pele e cabelo (DIXON; RELLES, 2017; DLOVA, 2015).

Durante a pesquisa, nenhuma das pessoas entrevistadas em Portugal conhecia imigrantes que houvessem realizado cirurgias plásticas para alteração dos traços étnicos. Essa informação coincide com as obtidas através de médicos entrevistados⁸, que não relataram qualquer caso de cirurgia desse tipo. Procuramos conhecer as representações dos entrevistados sobre esse tipo de modificações, tendo encontrado em Portugal mais resistência de imigrantes para falar sobre o assunto, e, quando falavam, aparentavam constrangimento. De modo geral, consideram as modificações corporais como associadas a opções pessoais, cujos objetivos são melhorar a autoestima e o bem-estar. Entendemos que o fato de não reconhecerem (em especial Domingos, Manuel e Jaina) a existência de discriminação ou de a verem como responsabilidade do próprio imigrante fez com que o questionamento sobre mudanças corporais não fizesse muito sentido.

Várias questões surgidas das entrevistas em Portugal reaparecem de modo mais enfático entre imigrantes na Espanha. Por exemplo, para Aby, há o que ele chama de “etiquetagem” dos imigrantes a partir de suas origens e de seus traços físicos para classificá-los segundo os tipos de ocupações (construção civil, trabalho doméstico). Já Solange diz ter dificuldade em fazer um penteado de seu agrado por falta de profissionais e produtos adequados ao seu tipo de cabelo. Meng e Zhou, originários de diferentes regiões da China, ressaltam a diversidade de aparência física das preferências alimentares. Por outro lado, reconhecem a existência de uma maior homogeneidade de comportamento e de valores entre chineses, quando comparados com espanhóis, que mostram muitos estilos de vida. Devido a seus traços físicos, imigrantes chineses afirmaram sentir-se observados permanentemente, o que pode ser entendido como um processo de contínuo estranhamento e produção da alteridade a partir dos traços fenótipos.

Para Gabriela, possuir traços físicos e sotaque específicos pode criar preconceitos e marginalização, e lembra o caso de uma amiga que foi impedida de entrar em uma boate em Madri, alegadamente por a boate não tocar música “do gosto de latino-americanos”. Traços físicos e sotaques diferentes, por outro lado, de acordo com Gabriela, quando assumem o caráter de exotividade, podem favorecer no plano ocupacional, por exemplo nos casos dos traços fenótipos para a atividade de modelo. No entanto, como salienta Silva (2000), o exótico é tanto mais aceite e reconhecido quanto mais distante estiver, pelo que não se trata apenas de reconhecimento do direito da diferença, mas também de garantir a necessária distância do diferente.

Como já referido, para Daniel, o povo equatoriano é muito diverso fisicamente, existindo pessoas com traços indígenas ou traços mestiços e outras com aspecto mais espanhol ou ocidental. A distinção e o estranhamento são resultado

⁸ O trabalho de campo incluiu seis entrevistas com médicos portugueses e espanhóis. O conteúdo das entrevistas foi objeto de um outro artigo (ENNES; RAMOS, 2017).

de uma combinação de características, o que depende do nível de relacionamento e proximidade do imigrante com o nativo. Também Daniel vê a possibilidade de alguns aspectos físicos associados a imigrantes como vantagem. Para o equatoriano, “[...] há trabalhos para os quais o imigrante é muito solicitado, como a construção civil [...], porque o imigrante é mais trabalhador, alguns possuem melhor estrutura física”.

Na Espanha, o tema das modificações corporais foi abordado mais amplamente pelas pessoas entrevistadas. Aby, mesmo não conhecendo nenhum caso de cirurgia plástica, identificou casos de mudanças do tipo de cabelo e penteados, além do uso de roupas mais ocidentalizadas. Para Solange, as mudanças ocorrem devido aos efeitos produzidos pela migração em relação à diminuição dos vínculos e forças de coerção experimentada no local de origem, o que permitiria ao imigrante fazer mudanças improváveis em sua cidade e/ou país. Assim, como Solange, que retoma a perspectiva de Sandra em Portugal, Zhou e Meng experimentaram modificações, como deixar a barba crescer ou mudar o penteado e usar roupas ocidentais não bem-vistas no país de origem. As entrevistas nos remeteram constantemente às relações sociais e aos padrões culturais e comportamentais dos lugares de origem.

Também pudemos nos aproximar mais de casos de cirurgias plásticas étnicas entre imigrantes, embora as limitações de tempo e recursos disponíveis para fazer a pesquisa não nos tenham permitido entrevistar nenhuma dessas pessoas. Das seis pessoas entrevistadas, três referiram conhecer alguém que tinha feito algum tipo de cirurgia plástica com características étnicas. Zouh, Daniel e Gabriela referiram amigos e conhecidos que fizeram rinoplastias e blefaroplastia⁹.

A pesquisa também demonstra a inexistência de reprovação desse tipo de prática por parte dos entrevistados. Para eles, não há vínculo com a origem étnica, pelo que não significaria forma de ruptura com a cultura e etnia de origem nem de adesão à cultura e etnias de destino. Nenhum dos entrevistados, inclusive os que disseram não conhecer ninguém que tivesse feito cirurgias plásticas, aprovaria, caso a motivação estivesse relacionada à necessidade de integração.

Para os entrevistados, há muitos tipos de mudanças corporais, e elas são praticadas com frequência. No entanto, vão além das questões relacionadas ao pertencimento étnico. Mesmo a ideia de integração ou adaptação aparece de modo matizado. Solange e Aby acham natural imigrantes seguirem alguns padrões estéticos do lugar onde vivem. Assim, mudar o corte de cabelo ou a forma de vestir funciona como um processo que julgam ser natural. Muitas dessas mudanças vão além dos padrões locais, e muitos têm como referência tendências e padrões mais globais, produzidos e disseminados pela e na sociedade de consumo como parâmetros, inclusive, para a beleza, felicidade e bem-estar (BAUMAN, 2008)

⁹ Cirurgia plástica realizada nas pálpebras.

Os entrevistados na Espanha distinguem mudanças consideradas superficiais das mais profundas. Solange, por exemplo, não vê problema em mudar o cabelo para um corte por ela considerado mais europeu, mas não concordaria se as pessoas de sua origem passassem a tratar os pais como o fazem os filhos de espanhóis. Esse seria um valor mais profundo e mais distintivo de sua cultura e de seu pertencimento, mais importante do que uma mudança da aparência.

Já Meng e Zhou avaliam como negativo o “apagamento” de traços fenótipos originários. Esse argumento expõe a enorme complexidade dessas práticas. Primeiro, imigrantes são distintos, cultural e fisicamente, já na origem, o que relativiza o parâmetro do que seria um padrão autêntico e original. O mesmo acontece com a cultura do país receptor. No caso, não há um único padrão de espanhol, nem nos valores e comportamentos, nem na aparência física, o que relativiza também um possível referencial unívoco que estimularia mudanças corporais de imigrantes. Isso não impede, no entanto, a existência de sentimentos, atitudes e traços fenótipos distintivos entre, por exemplo, chineses e espanhóis. Ainda que relativos, difusos e ambivalentes, esses elementos servem para criar parâmetros, em grande parte subjetivos, em torno dos quais as pessoas entrevistadas constroem suas narrativas sobre pertencimento e alteridade. Assim, sentem-se incomodadas com a ideia de perda dos vínculos de pertencimento com sua cultura e país de origem por meio da alteração de suas características, sejam elas físicas ou não.

Essa relatividade é acionada por Zouh ao opinar sobre a cirurgia nos olhos feita por um amigo. Para ele, o motivo era pessoal ou mesmo relacionado ao caráter, já que tem olhos ainda menores que os de seu amigo. Zouh parece se contradizer ao assumir que gostaria de fazer algumas mudanças, por se sentir muito discriminado na Espanha, relatando-nos o incômodo de ser notado permanentemente. Sente-se discriminado e humilhado por haver muita desconfiança na Espanha em relação aos estrangeiros.

Gabriela também deseja mudar o seu corpo para ser menos identificada como equatoriana, referindo que é facilmente reconhecida por sua estatura, tida como típica das mulheres de seu país de origem. Mesmo sendo uma associação falsa, tal como a relacionada ao tamanho dos seios e nádegas das colombianas, acaba por funcionar na prática como marcador identitário e, no caso, resulta no estigma e na depreciação.

Meng nos ofereceu outra possibilidade de compreensão sobre as mudanças corporais. A chinesa nos relatou que fazer algumas mudanças, como o corte de cabelo, pode ser uma forma de valorização em seu local de origem. Ao enviar fotografias pelas redes sociais, seus amigos e amigas irão distingui-la positivamente como mais europeia, mais cosmopolita, capaz de ir além das fronteiras físicas e simbólicas do lugar de onde vem. Tal como Zouh, Meng pensa em aproveitar o fato de viver na Espanha para experimentar mudanças na aparência que não seriam bem aceitas em

seus respectivos locais de origem. Cortar e pintar o cabelo ou deixar a barba e o cabelo crescerem podem ser entendidos como expressão e processo de mudanças nas relações de pertencimento, sem que isso implique rupturas ou adesões absolutas, o que nos leva ao debate sobre identidades múltiplas ou múltiplos pertencimentos (BAUMAN, 1999a; HALL, 2009).

O trabalho de campo na Espanha também permitiu retomar uma discussão que apareceu sobre os limites entre cirurgias plásticas e reparadoras tal como já procuramos diferenciar. Essa ambiguidade apareceu na entrevista de Daniel, quem, utilizando o exemplo de Michael Jackson, refere como um caso de “alienação total” uma cirurgia feita apenas para mudar traços étnicos. No entanto, ele mesmo espera tomar coragem para fazer uma cirurgia no nariz, que foi definida como terapêutica, portanto, não estética puramente. Para demonstrar o quanto a situação é complexa e ambivalente, Daniel possui traços indígenas e seu nariz é diferente do tipo de nariz considerado europeu¹⁰.

Conclusões

As cirurgias plásticas étnicas não são práticas exclusivas do mundo contemporâneo. Na realidade, são tão antigas quanto as cirurgias plásticas. Do mesmo modo, as cirurgias plásticas étnicas entre imigrantes e estrangeiros não são práticas recentes, muito menos exclusivas dessas duas primeiras décadas do século XXI. O que parece ser novidade na chamada sociedade intercultural, aberta e em rede (CASTELLS, 1998) é a dinâmica das configurações identitárias que multirreferenciam e descentralizam marcadores culturais de pertencimento e alteridade a partir dos quais essas cirurgias e outras modificações corporais são praticadas. As dinâmicas socioculturais produtoras de pertencimento e alteridade já não funcionam apenas com base em dois polos, o imigrante e o nacional, entre os quais imigrantes, estrangeiros, minorias étnicas e culturais circulavam e transitavam. A emergência da vida para o consumo, dentre outros fatores, ampliou o repertório identitário.

A pesquisa empírica permitiu um melhor conhecimento sobre questões que envolvem poder, consumo, cultura e modificações corporais. As narrativas de brasileiros em Portugal e de chineses na Espanha colocam em xeque a ideia de um pertencimento étnico a partir de um padrão de traços étnicos entre pessoas da mesma origem nacional. Os dois grupos de entrevistados evidenciaram a existência de diferenças físicas significativas entre imigrantes da mesma origem.

¹⁰ Sobre as sobreposições entre as motivações e significados entre cirurgias plásticas e cirurgias reparadoras, ver a noção de “saúde estética” proposta em Edmund (2010).

Um resultado inesperado consiste no significado da trajetória imigratória no jogo das coerções entre o lugar de origem e o lugar de destino, isto é, algumas modificações corporais estão mais associadas ao distanciar das relações de pertencimento (sem que isso signifique rompimento) aos círculos de relacionamento do lugar onde viviam do que à proximidade com o lugar e as relações que passam a viver, o que revela dinâmicas de interação e convivência características da sociedade intercultural. A vida em um país diferente permite práticas corporais e de relacionamentos sociais – tais como mudar o cabelo, fazer uma tatuagem, adotar padrões de consumo e estilos de vida – não bem-vistos por parentes e amigos com os quais conviviam antes de migrar. Assim, os significados das representações e modificações corporais são diversos e complexos e vão muito além de uma ideia unívoca de assimilação e/ou integração no país de destino.

A pesquisa demonstrou a pouca visibilidade que as cirurgias plásticas étnicas possuem em ambos os países, em especial em Portugal. As causas disso podem estar associadas a outros fatores cujo conhecimento exige a continuidade do estudo. Preliminarmente, podemos supor que a sobreposição de aspectos étnicos e o que se pode chamar de “motivações puramente estéticas” contribuem para a ocultação e a invisibilização dessas práticas e que o número de cirurgias plásticas étnicas poderá ser maior.

Por fim, o estudo indica que as interseções entre imigração, representações e modificações corporais são múltiplas e polissêmicas, não apenas expressando trajetórias de continuidade, mas também trajetórias de rupturas. Expressam, assim, a lógica das dinâmicas caracterizadas pela fragmentação e descentralização identitárias e dos regimes de múltiplos pertencimentos – processos que requerem antes o desvinculamento de marcadores que associam fortemente os imigrantes à sua origem (ou a qualquer outro pertencimento único), de modo a atenuar, mas não eliminar, referências físicas de pertencimento étnico/nacional. Dinâmicas essas que procuram garantir a fluidez de suas relações tanto com o país de origem como no país de destino, dinâmicas características de um contexto em que o direito à diferença é tensionado pelos imperativos da sociedade de consumo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005a.

BAUMAN, Z. Viver com estrangeiros. *In*: BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b. p.74-90.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999a.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999b.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2, 1981.

BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

DIXON, A.; RELLES, E. Skin color and colorism: global research, concepts, and measurement. **Annual Review of Sociology**, v. 43, p.405-24, 2017. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-soc-060116-053315>. Acesso em: 09 jul 2021.

DLOVA, N. **Ethnic skin and hair disorders in Kwazulu-Natal**. A study of the spectrum of ethnic skin and hair disorders, and the composition and use of skinlightening preparations, traditional cosmetics and sunscreen. Tese (Doutorado em Medicina), Nelson Mandela School of Medicine, College of Health Science, University of Kwazulu, Natal, 2015.

EDMUND, A. **Pretty modern**: beauty, sex and plastic surgery in Brazil. Durham, USA, Duke University Press. 2010

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

ENNES, M. A. Produção da diversidade: identidades e imigração. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 4, p.217-286, 2016.

ENNES, M.A.; RAMOS, N. Cirurgias estéticas étnicas e migração em Portugal e Espanha. **Revista Mediações**. v. 22. n 1, junho de 2017.

FEATHERSTONE, N. (org.) **Body modification**. Londres: Sage Publications, 2005.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**. São Paulo: SESC, 1997.

FORTUNA, C.; FERREIRA, D.; DOMINGUES, M. **Cultura, corpo e comércio**. Lisboa: Observatório do Comércio, 2002.

GILMAN, S. L. Etnicidad y cirugía estética. In: KRUMHAUER, A. **Cirurgia Estética**. Köln: Taschen, 2005.

- GILMAN, S. L. By a nose: on the construction of ‘foreign bodies’. **Social Epistemology: a Journal of Knowledge, Culture and Policy**, v. 13, n. 1, 1999. p.9-58.
- HAIKEN, E. The making of the modern face: cosmetic surgery. **Social Research**, v. 67, n. 1, Spring, 2000.
- HALL, S. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2009.
- LANG, A.B.S.G.; CAMPOS, M.C.S.S; DEMARTINI, Z.B.F. **História oral, sociologia e pesquisa: a abordagem do CERU**. São Paulo: CERU/HUMANITAS, 2010.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papyrus, 2014.
- LE BRETON, D. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAUSS, M. A Noção de técnica do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NIECHAJEV, I.; HARALDSSON, P. Ethnic profile of patients undergoing aesthetic rhinoplasty in Stockholm. **Aesthetic Plastic Surgery**, New York, 2, p.139-145. 1997.
- ONU. **International migrant stock 2019**. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- ORTEGA, F. **O corpo incerto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- OUELLETTE, A. Eye wide open. **Hasting center report**. Jan-feb, 2009.
- RAMOS, N. Conflitos interculturais no espaço europeu. In PINA, H.; REMOALDO, P.; RAMOS, M.C.; MARQUES, H. (org). **Grandes problemáticas do espaço europeu**. Diversidade territorial e oportunidades de desenvolvimento num cenário de crise. Porto: Univ. do Porto, Fac. de Letras, 2014. p.225-245. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13185.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- RAMOS, N. Educar para a interculturalidade e cidadania. In ALCOFORADO, L.; FERREIRA, J. A. G.; FERREIRA, A. G.; LIMA, M. P. de; VIEIRA, C.; OLIVEIRA, A. L.; FERREIRA, S. M. **Educação e formação de adultos**. Políticas, práticas e investigação. Coimbra: Ed. Universidade de Coimbra, 2011. p.189-200.
- RAMOS, N. Interculturalidade e alteridade. In: SERAFIM, J. F.; TOUTAIN, L. B.; GEFFROY, Y. **Perspectivas em informação visual**. Salvador: EDUFBA, 2010. p.27-56.
- RAMOS, N. Migração, aculturação e saúde. In: RAMOS, N. (org.). **Saúde, migração e interculturalidade**. João Pessoa: EDUFPA, 2008.
- RAMOS, N. Interculturalidade, educação e desenvolvimento. O caso das crianças migrantes. In BIZARRO, R. (org.). **Eu e o Outro**. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s), e Práticas Interculturais. Porto: Areal Editores, 2007a. p.367-375.

RAMOS, N. Sociedades multiculturais, interculturalidade e Educação. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Universidade de Coimbra, v. 41, n. 3, p.223-244, 2007b.

SHUTZ; Alfred. **Estudios sobre teoría social**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.73-102

SIMMEL, G. O estrangeiro. **RBSE**, n. 12, v. 4, dez/2005, p.265-271. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf>. Acesso em 09 jul. 2021.

STOLCKE, V. **Cultura europeia: uma nova retórica de exclusão**. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v.8 n. 22, s/p. jun. 1993. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/22/rbcs22_02.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

SWAMI, V., HENDRIKSE, S. Attitudes to cosmetic surgery among ethnic minority groups in Britain. **International Journal of Psychology**, v. 48, n. 3, p.300-307. 2013.

TAM, K-P.; NG, H. K-S.; KIM, Y-H.; YEUNG, V. W-L.; CHEUNG, F. Y-L. Attitudes toward cosmetic surgery patients: the role of culture and social contact. **The Journal of Social Psychology**. v. 4. n. 152, p.458-479, 2012. Disponível em: <https://web.yonsei.ac.kr/scplab/jsp2012.pdf>. Acesso em 09 jul. 2021.

TASCHEN, A. Beleza y cirugía estética. In: TASCHEN, A. **Cirurgías estéticas**. Madrid: Tasche, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

Submetido em: 06/08/2020

Revisões requeridas em: 11/03/2021

Aprovado em: 28/05/2021

Publicado em: 10/09/2021